

FOTOGRAFIA E LITERATURA: MEMÓRIA E MATERIALIDADE

Autora: Ludmila Magalhães Naves, Vila Cata-Vento Fotografia Infantil, Pesquisadora Externa UFLA, contato@vilacatavento.com
Ellen Maira de Alcântara Laudares, UFLA
Ilsa do Carmo Vieira Goulart, UFLA

RESUMO:

A partir da concepção da linguagem como figura de expressão e interação social, este trabalho, considera a fotografia uma forma de manifestação da materialidade da imagem. Assim, compreende-se que a narração de uma história acompanhada de uma ilustração fotográfica, permite a essa imagem expor o flagrante capturado de um único instante que esteja carregado de sentidos, ampliando seus limites e criando um espaço discursivo e dialógico com o leitor. Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho é expandir os princípios da materialidade fotográfica e identificar quais as potencialidades do seu uso como ilustração literária. Para tanto, realiza-se a análise do livro *Os sonhos do meu bebê*, da autora e ilustradora Adele Enersen, onde sua obra é representada por fotografias e o cenário ilustrado é construído em diálogo com a narrativa. Para a investigação utiliza-se a metodologia de análise documental que nos permite observar os meios e instrumentos empregados na composição da obra. Como base teórica, apoia-se nos estudos de Donald F. Mckenzie, Lucia Santaella, Cyntia Giroto e Renata de Souza sobre materialidade, fotografia, literatura e infância, bem como outros autores que contemplam a fotografia e a memória como discurso e produção de sentidos. Como resultado, observa-se que o uso de fotografias como ilustração possibilita a identificação do real, de seu valor de testemunho e poder documental, permitindo assim o resgate da memória como motivador da aproximação entre o leitor e a obra. Conclui-se que a contação de história combinada às ilustrações fotográficas contribui de forma significativa para a compreensão leitora e envolvimento do leitor, o que mostra a materialidade da imagem fotográfica como uma importante característica da técnica de ilustração.

Palavras-chave: Fotografia. Materialidade do livro. Literatura infantil.

ABSTRACT:

Considering language as a way of expression and social interaction, this research sees photography as a form of manifestation of image's materiality. Thus, it is understood that a story's narrative accompanied by a photographic illustration, allows this image to expose the captured single moment that is loaded with meanings, opening its limits and creating a discursive and dialogical space with the reader. In this perspective, the goal of this work is to expand the principles of photography's materiality and to identify the potentialities of its use as literary illustration. For that, the book *When my Baby Dreams* by author and illustrator Adele Enersen is analyzed, where her work is represented by photographs and the illustrated scenario is built in dialogue with the narrative. For the investigation is chosen the methodology of documental analysis that allows us to observe the tools and instruments used

for the construction of the work. As a theoretical source, this work relies on studies by Donald F. Mckenzie, Lucia Santaella, Cyntia Giroto and Renata de Souza on materiality, photography, literature and childhood, as well as other authors who contemplate photography and memory as discourse and production of senses. As a result, it is observed that the use of photographs as illustration allows the identification of the real, its value of testimony and documental power, thus allowing the rescue of memory as a motivator for the rapprochement between the reader and the work. It is concluded that the storytelling combined with the photographic illustrations contributes significantly to the reader's understanding and involvement, which shows the materiality of the photography as an important feature of the illustration technique.

Key-words: Photography. Materiality of the book. Children's Literature

Introdução

Parte-se do pressuposto de que a linguagem é uma forma de integração e de interação, um movimento em que “a palavra vai a palavra”, explica Mikhail Bakhtin (2012, p.12), seja esta dita, proclamada, escrita, gesticulada, sinalizada, encenada, desenhada ou fotografada. Para o autor, a palavra configura-se em busca de uma expressão de quem a produz até alcançar os delimites do outro.

Nesse sentido, considera-se a ilustração nos livros para crianças uma arte, que por sua vez, possui uma linguagem própria. Ieda de Oliveira (2008, p. 43-45) explica que essa arte presente nos livros infantis alcançou “sua plenitude como linguagem” no início do século XX, quando passa-se a compreender uma obra para além das palavras. Sendo assim, este trabalho considera a ilustração fotográfica uma forma de manifestação da materialidade da imagem, pois parte-se do pressuposto de que a linguagem é uma figura de expressão e interação social.

Dessa maneira, compreende-se que a narração de uma história acompanhada de uma ilustração fotográfica, permite a essa imagem apresentar um momento único, um flagrante de um instante que esteja carregado de sentidos, ampliando seus limites para além da moldura, criando um espaço discursivo e dialógico com o leitor.

Nesta perspectiva, o objetivo desta pesquisa é expandir os princípios da materialidade, tendo como foco a fotografia na obra impressa. Para tanto, realiza-se a análise¹ do livro *Os sonhos do meu bebê*, da autora e ilustradora Adele Enersen, onde sua obra é representada por fotografias que na sua trajetória de existência transita do formato hipertexto para a forma impressa.

Para isso, busca-se a fundamentação teórica nos estudos de Donald F. Mckenzie, Walter Benjamin, Lucia Santaella, Cyntia Giroto e Renata de Souza sobre ilustração fotográfica, memória e materialidade, bem como outros autores que contemplam a os temas fotografia e a materialidade.

Para melhor orientação da reflexão aqui proposta divide-se o texto em três momentos, em que primeiramente apresenta-se a fotografia como arte ilustrativa, em seguida analisamos os aspectos sobre memória e finalmente discutiremos sobre a materialidade tanto da imagem fotográfica quanto da obra impressa.

¹ Este trabalho trata-se de uma aplicação dos dados coletados de uma pesquisa apresentada no V Congresso de Literatura Infantil e Juvenil em Presidente Prudente em agosto de 2017.

A obra e a ilustração fotográfica

A ideia de compor uma obra impressa para crianças surgiu inicialmente na tela, através da criação de um blog² para uso pessoal onde a autora e ilustradora Adele Enersen deu início ao compartilhamento das imagens fotográficas que registrava ao zelar pelo sono de sua filha Mila. Os primeiros momentos vivenciados durante a maternidade resultaram em imagens inspiradoras e criativas e eram compartilhadas pela internet com o intuito de atingir somente familiares e amigos de Enersen. Porém, as fotografias ganharam milhões de admiradores ao redor do mundo, conquistando leitores e chamando a atenção do mercado literário.

Assim surge a primeira obra impressa de Enersen *Os sonhos do meu bebê*, ilustrado com imagens fotográficas e ocupando um espaço inovador na produção literária. Enersen compõe uma narrativa a partir fotografias, esforçando-se para aproximar o conteúdo das imagens ao texto narrado, criando cenários a partir de objetos familiares aos leitores, paisagens compostas de artefatos que despertam o sentimento de aconchego. A escolha por itens domésticos como cobertores, panos e almofadas, colaboraram para acentuar o efeito de familiaridade e conforto ao longo da narrativa.



Imagem 1 – Capa do livro *Os sonhos do meu bebê*

Na capa da obra impressa, representada na imagem 1, observa-se a fotografia ilustrativa de um bebê adormecido, em uma paisagem fictícia composta por tecidos. Percebe-se que a história é construída com o constante esforço de Enersen em criar uma relação dialógica entre imagem e texto. A escolha pelo uso de objetos de fácil reconhecimento aos olhos do leitor favorece o engajamento. Nesse sentido, a arte fotográfica encoraja e capacita o leitor a transpor os limites do real, através da criação de cenários lúdicos que expõem fantasia e realidade, permitindo à imaginação prosperar, como explica Graça Ramos (2013, p. 45).

É incontestável o caráter criativo e diferenciado no trabalho fotográfico de Enersen, que reúne em uma mesma obra, imagens ricas em detalhes, cores variadas, objetos familiares ao leitor combinados em cenários fantasiosos comprovados pela realidade fotográfica. Nota-se que o olhar de Enersen é demarcado pela sensibilidade, que concretiza a conexão entre as imagens à própria vida da autora. Nesse sentido, a arte ilustrativa resultante do ato olhar, do ato de correlacionar e refletir sobre o que está sendo visto, representa a soma do que é físico, do psicológico, da percepção e da criação, em uma mesma obra. (RAMOS, 2013, p. 34)

² Disponível em: www.milasdaydreams.blogspot.com Acesso em: 01-08-2017

Dessa maneira, percebe-se que a obra reflete claramente o perfil de Enersen, sua entrega a maternidade e sua familiaridade com a arte fotográfica, resultando em uma legítima sintonia entre texto e imagem. Neste sentido, Ramos (2013, p. 30) explica que é importante que quem lida com os livros infantis se aproximem mais do universo das imagens. As ilustrações refletem o estilo individual de cada artista, sua sensibilidade à história, seu estilo em determinado período, ideologia, intenções pedagógicas e visões da sociedade sobre certas questões, explicam Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011, p. 61).

Sabe-se que a criação de uma imagem fotográfica relaciona-se ao sentimento em todo o seu processo. A motivação por criar, a preparação pelo instante flagrado, a interpretação da intensão de eternizar um momento específico, a interpretação do resultado materializado visualmente, dão origem a uma reação, despertam o efeito de reconhecimento ou estranhamento como consequência de sua apreensão, ou seja, emoções movem-se do início ao fim.

Segundo Lucia Santaella (2012, p. 79), especificamente quanto ao processo de compreensão de uma fotografia, o despertar do sentimento é contatado logo em um primeiro momento, ao observar uma foto. Em um segundo momento reconhece-se os seus traços e o motivos daquela imagem; e finalmente, em um terceiro momento para-se de ver e começa-se a sentir e a conhecer a imagem, ou seja, começa-se a ler a fotografia, como um texto, um texto visual.

Para o jovem leitor a presença de tais sentimentos e efeitos são fundamentais no processo de leitura das imagens. Segundo Ramos (2013, p. 41), as crianças compreendem a linguagem das representações visuais porque “estão em uma fase do desenvolvimento em que as sensações, vinculadas às formas, cores e texturas, ainda estão à flor da pele, não sofreram influência excessiva da racionalização”.

A ilustração, com suas cores e formas, guia os olhos do leitor, que mesmo muito jovem já domina a linguagem das imagens. Fundamentado em Walter Benjamin (2009, p. 69-70), a criança sem se deixar censurar pelo sentido, é recebida como participante na história ilustrada com seus cenários adornados de cores. Assim, o jovem leitor, não somente observa e interpreta as imagens, mas também “penetra no esplendor colorido do mundo pictórico”.

A memória

Além de possibilitar sua infinita interpretação, a imagem permite ao leitor enxergar para além da sua moldura, afirma Alberto Manguel (2001, p. 27) que complementa: a imagem é “[...] um artifício para comunicar ideias, sensações, uma vasta poesia” (2001, p. 29). Assim entendemos que a imagem fotográfica narra, comunica, informa. Dessa maneira, da perspectiva do olhar, observa-se que as imagens provocam no leitor o resgate da memória e a reflexão, na medida em que o leva a perceber “para além da imagem”, pois esta passa a ter significado com base em lembranças, ou seja, a imagem passa a representar infância, família, aconchego, segurança, entre outros fragmentos.

A fotografia além de ilustrar uma fantasia ela esboça também a realidade, pois possui o poder de comprovar o real, ela ilustra e confirma a presença do objeto fotografado, por isto representa um testemunho inegável da realidade, característica que chama a atenção do leitor, seja esta criança, jovem ou adulto, explica Santaella (2012, p. 77).

A arte fotográfica que ilustra a obra de Enersen encanta porque representa o real, representa algo familiar aos olhos dos leitores da geração do séc. XXI que tem tão fácil acesso às imagens tecnológicas, inclusive imagens fotográficas de si mesmos. A historiadora

Ana Maria Mauad (1996, p. 2) esclarece que a fotografia desempenha “o papel de instrumento de uma memória documental da realidade.

Assim, a fotografia mesmo que fantasiosa proporciona um efeito de legitimidade na ilustração. Santaella (2012, p. 77) nomeia este efeito como um princípio denominado testemunho. Um testemunho do real, uma prova do real, prova de que o objeto esteve lá diante da câmera, imagem que confirma como um testemunho, uma prova que não se pode negar pois a fotografia dá o depoimento de sua presença naquele dado tempo e espaço, e assim dá-se o poder documental da imagem fotográfica.

Dessa maneira, a característica da imagem fotográfica que nos capacita à resgatar memórias consequentemente nos convida a pensar, pois segundo Manguel, toda imagem carrega inscrita em si a mensagem: “Lembre-se e pense” (2001, p. 273). Pode-se inferir que a fotografia nos desperta reações e emoções que remetem a determinado momento, a certo lugar ou pessoa, levando à reflexão, dessa forma “[...] a imagem fotográfica permite a presentificação do passado, como uma mensagem que se processa através do tempo”, complementa Mauad (1996, p. 10).

Tanto a fotografia quanto a obra impressa desempenham o importante papel de registro e preservação da memória. Fotografias organizadas em um álbum de família ou impressas ilustrando uma obra literária, como no caso da obra em análise, engendram narrativas, produzem memórias. Sabe-se que uma obra impressa, assim como os textos orais, carregam essa função, de guardar e de preservar a memória, explica a educadora Magda Soares (2002, p. 147).

Entende-se que o livro, assim como a fotografia, pode ser direcionado a um destinatário, que mais tarde pode acessar e assumir o papel de leitor dessas informações que foram guardadas e preservadas (MAUAD, 1996, p. 9). Para Ilsa Goulart (2016, p.70), o livro na sua forma impressa, desencadeia pela materialidade um ato de rememoração a partir dos enlaces afetivos construídos pela relação leitor livro, como também é também dialoga com Borges (1985, p.12) uma “extensão da memória e da imaginação”, um artifício que eterniza registros tornando-se algo estável, por isto monumental.

A informalidade na produção fotográfica de Enersen e o seu fácil acesso à uma câmera fotográfica³, representam uma característica histórica da contemporaneidade. O uso de fotografias no cotidiano da população na atualidade, organizadas como uma narrativa, organizadas e compartilhadas virtualmente e mais tarde de forma impressa, demonstram o uso e prática da arte fotográfica como uma particularidade cultural atual. Dessa forma, o objeto livro apresenta a característica de registro de mudança cultural, afirma Donald F. Mckenzie (1999, p. 28).

Ainda considerando o caráter de preservação da memória, vê-se que historicamente, a fotografia, juntamente com demais textos verbais e não-verbais, compõe a representação de uma determinada época, oferecendo um perfil representativo que colabore para a compreensão das maneiras de ser e agir de um certo período da história. (MAUAD, 1996, p. 10)

A materialidade

Entende-se a imagem fotográfica como uma linguagem, um texto-visual materializado, uma ideia ou uma visão que ganha forma e torna-se matéria visível. Para

³ Em seu Blog, a autora descreve o processo de criação das imagens e o tipo de câmera usada.

Manguel, “as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos” (2001, p. 21). Dessa forma, compreendemos que a materialidade de uma imagem não depende da atuação de um procedimento tecnológico para concretizá-la, a materialidade é parte da imagem. Segundo a Laurentiz (2004, p. 3) a “[...] materialidade da imagem não é consequência exclusiva das tecnologias da comunicação, pois qualquer imagem, impressa, desenhada, fotografada, etc., carrega este potencial em si”.

Enersen materializa cenários de oceanos e gramados com base em suas lembranças e referências de visão que ficaram gravados em sua memória. Sendo assim, compreende-se a fotografia como uma representação visual dos elementos visíveis ao nosso redor, dos componentes presentes no nosso campo visual, signos do nosso mundo visível, esclarece Silvia Laurentiz (2004, p. 2).

Todavia, as imagens que representamos são também originadas no campo imaterial da nossa mente, geradas no nosso imaginário, provenientes de fantasias e criações mentais. A obra representa essa imaterialidade em toda sua narrativa, guiando o leitor por uma viagem no mundo dos sonhos de uma bebê adormecida.

Dessa maneira percebe-se que ambos os campos não existem de forma separada, as imagens materiais e as imagens imateriais apresentam-se ligadas entre si, assim uma gera a outra. Em outras palavras, as representações visuais são criadas com base em outras imagens previamente existentes na mente de quem as produziram, bem como entende-se que as imagens mentais têm origem nos objetos pertencentes ao mundo visual. (LAURENTIZ, 2004, p. 2)

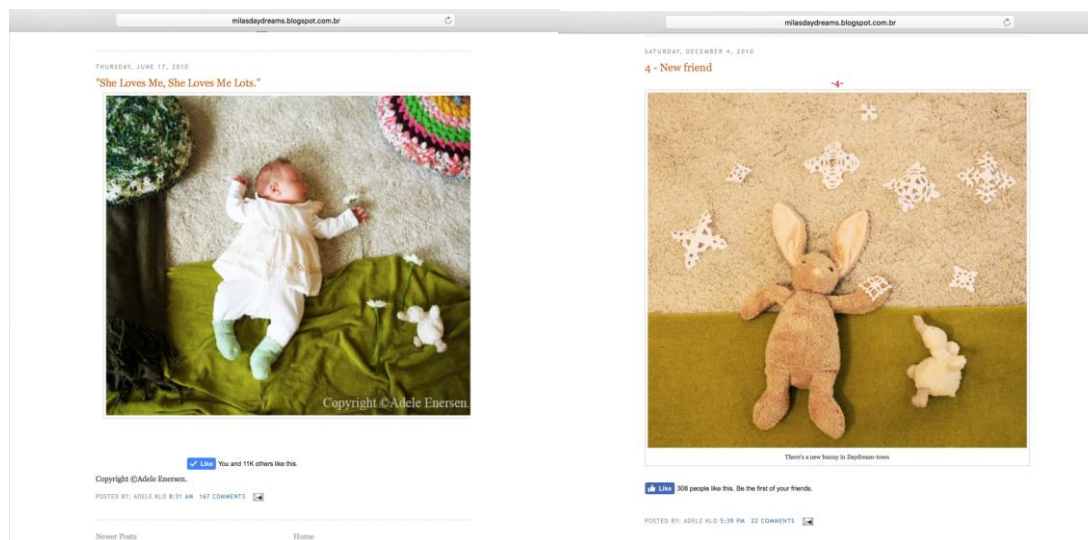


Imagem 2 – Recortes do Blog de Adele Enersen

Outro aspecto que representa a característica da materialidade na obra de Enersen, é a transformação de seu conteúdo originalmente digital em uma obra impressa. Inicialmente as imagens fotográficas criadas por Enersen eram apresentadas somente nas telas do computador, divulgadas nas páginas de um blog pessoal, com endereço divulgado na contracapa do livro impresso. Segundo relata⁴ a autora e ilustradora, o ato de fotografar sua filha Mila, ainda recém-nascida, era apenas um passatempo e o uso do blog era uma forma de compartilhar com seus amigos e familiares imagens de seu bebê.

⁴ Relato encontrado na contra-capa do livro impresso: *Os sonhos do meu bebê*.

O conteúdo exposto como um hipertexto apresenta um formato multilinear e multi-sequencial. Através da plataforma do blog, o espaço da tela permite que a autora altere, insira ou retire conteúdos quando desejar, abrindo espaço também para a participação dos leitores que acrescentam comentários livremente junto às imagens e textos de Enersen. A educadora Magda Soares (2002, p. 151) aponta que “o hipertexto é dinâmico, e está perpetuamente em movimento”.

As criações de Enersen ganharam milhares de admiradores ao redor do mundo e suas fotografias contornadas de tanta criatividade resultaram mais tarde na publicação de seu primeiro livro. Fundamentado em Soares (2002, p. 154), a criação do livro, editado e impresso revela aos leitores e admiradores da arte de Enersen, um novo material, um objeto, agora palpável e definido. A obra impressa, agora possui uma dimensão, uma linearidade, uma estrutura, uma sequência, número de páginas, uma totalidade, pois o seu possuidor pode identificar seu começo, meio e fim. O livro representa uma unidade estrutural, é um objeto físico que concede ao autor a materialização de suas palavras, explica Goulart (2016, p. 69).

Observa-se que a tecnologia da impressão traz novos personagens para a indústria do livro e especificamente para a obra em análise. Segundo Soares (2002, p.153-154), a obra impressa torna-se além de estável e monumental, algo controlado, porque “criam muitas e várias instâncias de controle do texto” que intervêm e regulam sua produção. Dessa forma, a concretização da produção da obra impressa de Enersen conta com a participação de uma equipe editorial, com integrantes como um tradutor, preparador de originais, revisor, designer de capa, designer de miolo, e inclusive um segundo ilustrador. O autor produz o texto porém quem cria o livro é a equipe editorial, como explica Goulart neste trecho com base em Roger Chartier:

Diante disso, Chartier (1994; 1999) chama a atenção para a distinção entre texto e impresso, entre o trabalho de produção e criação textual, o trabalho de fabricação da obra, entendendo que os autores não escrevem livros, escrevem textos que são transformados em livros, artefatos pensados e arquitetados por uma equipe editorial. (GOULART, 2016, p. 71)

Um dos novos personagens que colaboraram para compor a obra impressa de Enersen é a uma segunda ilustradora, Jennifer Rozbruch, que expõe sua arte ao longo de toda a narrativa em conformidade com as ilustrações fotográficas de Enersen. Seus desenhos cercam e seguem os textos e fotografias, acrescentam um efeito ilustrativo complementar, que enriquecem ainda mais a obra. Observa-se que textos e fotografias são algumas vezes emoldurados por ela mesma linha fina e pontilhada que se assemelham aos pontos de uma costura, que sincronizam-se com os tecidos presentes no cenário ilustrado na imagem fotográfica. As linhas aparecem alternando nas cores branca e outra cor a combinar com a cor de fundo da página ilustrada. Esta mesma linha pontilhada também compõe delicados desenhos que acompanham a página destinada ao texto ou ao lado da fotografia resultando em uma estrutura agradável aos olhos do leitor, com harmonia entre os elementos texto, desenhos e fotografias.

O livro materializado como obra impressa, passa a apresentar características estruturais evidentes, detalhes que guiam os olhos com base nas cores das páginas, temas ilustrados, enfim, “limites claramente definidos” explica Soares (2002, p. 150). O livro impresso oferece a possibilidade da criação de protocolos de leitura, que no caso da obra em análise, são as cores, a predominância do mesmo tema a cada três páginas duplas, ou a harmonização visual gerada pela ilustração complementar de Rozbruch envolvendo escrita e imagem em um só contexto visual.



Imagem 3 – Obra em Inglês e obra traduzida para Português

Com o título original em inglês *When my baby dreams*, a obra foi lançada pela primeira vez em 2012 nos países de língua inglesa, por Balzer & Bray. No Brasil, o trabalho de Enersen recebeu o nome de *Os sonhos do meu bebê* e foi publicada pela editora Sextante também no ano de 2012. Comparando-se a versão em inglês e a versão em português conclui-se que o trabalho de tradução é marcado pela fidelidade à versão original, pois preserva a configuração editorial original, o que mantém a identidade da obra. Dessa forma os leitores, ou possuidores, adquirem objetos quase idênticos, que se diferem apenas quanto ao idioma, pois conserva-se as ilustrações, as fontes dos textos, diagramação e posicionamento das imagens, conforme na versão em inglês (SOARES, 2002, 153).

Percebe-se que o trabalho editorial, garante que as cores, os desenhos, posições estratégicas dos textos e imagens guiem e encantem os olhos e a imaginação do leitor que acompanha essa jornada de acontecimentos e de imagens coloridas a cada página virada. Walter Benjamin (2009, p. 69) descreve de forma mágica essa conexão e encantamento que a ilustração, aqui descrita, pode proporcionar: “Porém não são as coisas que saltam das páginas em direção às crianças, é a própria criança que penetra no esplendor colorido do mundo pictórico”. E ainda: “[...] neste mundo permeável adornado de cores [...] a criança é recebida como participante”.

As combinações de cores e a atenção aos detalhes que ligam uma página a outra são desenvolvidos no processo editorial, como parte da criação e da produção da obra impressa e materializada para manuseio do leitor, o que na tela não acontecia. A oportunidade de manipulação da obra de Enersen permite que o leitor se familiarize com o objeto livro, pois possibilita que ele descubra suas novas propriedades e características, apontam Cyntia Giroto e Renata Souza (2016, p. 91).

A materialidade do livro impresso permite também a mediação de um adulto no processo de leitura literária para crianças. Essa prática representa um papel basilar pois indicará, para os leitores mais jovens, “o uso para o qual o objeto livro foi criado”, além de demonstrar como fazer o uso do livro, com troca de páginas e maneira adequada de manuseio. (GIROTTTO e SOUZA, 2016, p. 90).

O livro de Enersen, na forma impressa, permite o contato físico com o material, possibilitando que o leitor ainda criança o manuseie, vire as páginas, folheie o objeto livro. Segundo Renata Souza e Helder Pinheiro (2015, p. 21) essa interação permite que a criança estabeleça relações de sentido com a obra, faça inferências e explore mais detalhes ao olhar e examinar as ilustrações ao seu modo, segurando com as próprias mãos.

A estrutura física da obra direciona o leitor ao seu manuseio, o objeto livro palpável com textura e forma, mesmo que recheado de textos e ilustrações, é antes de tudo um objeto que convida o seu possuidor a um determinado comportamento de interação.

Quando consideramos o livro em sua materialidade física, acreditamos que o primeiro contato desencadeador da leitura acontece na exterioridade apresentada pela obra. O sujeito-leitor utiliza-se das sensações que a obra impressa pode lhe oferecer, ocorre aí uma leitura sensorial, conforme Martins (1986, p.42), o objeto-livro, em sua materialidade, insinua ao leitor determinadas posturas, escolhas e usos distintos, e isso se processa porque “antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto; tem forma, cor, textura, volume, cheiro. Pode-se até ouvi-lo se folhearmos suas páginas”.

Considerações finais

O presente trabalho teve o objetivo de verificar a relevância do uso da imagem fotográfica como ilustração literária em uma obra impressa. Para isto, destacou-se a análise da materialidade presente nas imagens da obra escolhida. Observou-se a materialidade do livro impresso na obra *Os Sonhos do meu bebê*, de Adele Enersen, que utiliza da arte fotográfica e o valor de memória inerente na fotografia.

Percebeu-se que a fotografia se destaca como um artifício completo para o papel ilustrativo, promovendo o fortalecimento do interesse do leitor pela literatura, seja ele adulto ou criança.

Sendo assim, verificou-se que a narração de história ilustrada com fotografias, gerou um efeito de ampliação dos limites interpretativos da imagem, pois a fotografia representa o registro de um momento único, um flagrante de um instante carregado de sentidos, dessa forma, imagem e texto forneceram um espaço discursivo e dialógico com o leitor.

Observou-se que o uso da fotografia como instrumento de ilustração em um livro infantil, destacou-se como uma importante ferramenta que beneficia a imaginação do leitor, gerando desta forma um vínculo entre a ficção e a realidade. Acredita-se que a fotografia permita uma nova forma de interpretação, criando uma margem mais livre de comunicação entre imagem e texto.

Pode-se dizer que a escolha de Enersen pela ilustração fotográfica aproximou-se da linguagem da atualidade pois usufrui da importância e necessidade de aproximação às novas tecnologias. Ramos (2013, p. 133) explica que “as tecnologias colaboram para mudar formas e discursos de narrativas” e aponta que há uma necessidade de se encantar e surpreender os jovens leitores, para assim cativá-los e auxiliar no hábito da leitura.

Como resultado, observa-se que o uso de fotografias como ilustração possibilita a identificação do real, de seu valor de testemunho e poder documental, permitindo assim o

resgate da memória como motivador da aproximação entre o leitor e a obra impressa ou na tela. Dessa forma, destaca-se também a materialidade da imagem e a materialidade da obra impressa como características que influenciam a interação entre leitor e a leitura.

Para finalizar, percebe-se que a obra impressa, materializada a partir de imagens fotográficas, permite uma maior aproximação entre o leitor e a obra, possibilitando o manuseio e noção de sua totalidade. Do mesmo modo que as imagens fotográficas podem auxiliar os leitores no processo de entendimento e envolvimento com a história narrada, ajudando na conquista da liberdade de expressão, oferecendo uma legítima conexão com a realidade exposta na imagem. “Livros de imagem são um instrumento de educação ativa, capaz de tocar a imaginação e a inteligência da criança” (RAMOS, 2013, p. 41).

Conclui-se que o ato de contar ou ler histórias combinado à leitura das ilustrações fotográficas contribui de forma significativa para a compreensão e formação leitora e envolvimento do leitor. Assim, destacamos que a materialidade da imagem fotográfica na obra impressa como importante característica da arte literária, por constituir-se um espaço motivador do exercício da leitura, da criatividade e da integração entre o mundo real e o imaginário.

Referências bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail Mikahailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2009. (Coleção Espírito Crítico). Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari.

BORGES, Jorge. Luis. *Cinco visões pessoais*. Trad. De Maria Rosinda da Silva. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

ENERSEN, Adele. *Os sonhos do meu bebê*. Rio de Janeiro: Sextante, 2012. Tradução de: Angélica Lopes.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. *Literatura e Educação Infantil: Livros Imagens e Práticas de Leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2016.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. A compreensão e conceituação de livro num jogo de representações. *Leitura: Teoria e Prática*, Campinas, v. 34, n. 67, p.69-82, 2016. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/512/333>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

LAURENTIZ, Silvia. Imagem e (I)materialidade. In: XIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 13., 2004, São Paulo. Anais. São Paulo: Eca, 2004. p. 1 - 10. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/cap/slaurentz/text/Imagem_Imaterialidade.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2017.

MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia de Letras, 2001.

MARTINS, Maria. Helena. *O que é leitura?* 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: Fotografia e História Interfaces. Tempo: Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.73-98, 1996. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo> Acesso em: 14 ago. 2017.

MCKENZIE, Donald. The book as a expressive form. In: MCKENZIE, Donald. *Bibliography and the Sociology of Texts*. Cambridge University Press, 1999.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: Palavras e imagens*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. Tradução de: Cid Knipel.

OLIVEIRA, Ieda de (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: Dcl, 2008.

RAMOS, Graça. *As imagens nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SOUZA, Renata Junqueira de; PINHEIRO, Hélder (Org.). *Literatura infantil e formação de leitores: Estratégias de Leitura*. Campina Grande: Edufpg, 2015.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educação e Sociedade, Campinas , v. 23, n. 81, p. 143-160, Dez. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002008100008>>. Acesso em: 10/08/2017.

SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.